



## **A Linguagem Audiovisual no processo educativo e no incentivo à leitura: o caso do programa Mundo da Leitura<sup>1</sup>**

Denise Jorge Serafini<sup>2</sup>  
Universidade de Passo Fundo

### **Resumo**

O estudo consiste em analisar a forma como o recurso audiovisual é utilizado no processo educativo e as mediações estabelecidas na sua recepção em sala de aula. Foi realizado estudo de caso, mediante observação de campo, entrevista em profundidade e questionário. A pesquisa trata a prática de utilização do programa audiovisual Mundo da Leitura no incentivo à leitura no contexto de uma classe de terceira série, de uma escola municipal de ensino de Passo Fundo. O texto articula conceitos sobre compreensão da leitura, linguagem audiovisual como estímulo para a aprendizagem e relações do professor com a mídia. Propõe também, com base em uma aproximação entre os Estudos Culturais e os Estudos de Recepção, a análise das fontes de mediação ativadas pelo uso do programa no contexto escolar.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; Estudos de Recepção; Linguagem Audiovisual; Mediação; Mundo da Leitura.

### **Introdução**

Vivemos uma nova era, um novo contexto cultural, tecnológico e imagético onde há espaço e necessidade de uma nova realidade educacional em que a escola possa ser um ambiente para o saber, conectada com as mudanças que vêm ocorrendo de forma sistemática. O educador, já preparado e acostumado a educar somente com livros, não pode ficar omissos à presença do computador, da internet, da televisão e do vídeo no cotidiano dos educandos. A realidade atual tem mostrado que as mídias vêm preenchendo grande parte do tempo de crianças e jovens em horários paralelos aos da educação formal. Consequentemente, esses sujeitos estão aprendendo com as mídias, juntamente com as ações mediadoras da escola e dos contextos vividos pelos sujeitos.

Pesquisa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), realizada em 2005 e publicada em 2007, mostra-nos que 40% dos estudantes da quinta a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, X Encontro dos Grupos /Núcleos de Pesquisas em comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestre em Educação – UPF. Professora Faculdade de Artes e Comunicação-UPF. Repórter, editora e apresentadora UPF TV.



oitava série que se afastaram da escola tiveram o desinteresse como motivo (MORAN, 2007). Uma escola pouco atraente que trabalha com um currículo fora da realidade é questão que provoca questionamentos e a busca por respostas e novas propostas.

Diante da tela da TV, o sujeito tem acesso a informações através de imagens, sons, cores, movimentos com a proposta de “prender” sua atenção. O conhecimento que chega pela tela da TV ocorre de forma global através de uma fala direta, coloquial, sedutora e impactante tocando todos os sentidos, diferente da fala da escola, normalmente cansativa e distante, como afirma Moran (2007). Greenfield (1988) acredita que as características da linguagem audiovisual, como a de mostrar ao invés de descrever, e fazer com que essa imagem que está sendo mostrada, que não é estática, atraiam a atenção do espectador, estejam entre os principais elementos para que a televisão se caracterize como um importante instrumento de aprendizagem.

Esse contexto nos levou a problemática de como os professores têm utilizado e tratado dessa linguagem nos processos educativos. Qual é o seu potencial pedagógico? Em que medida os professores conhecem a linguagem audiovisual e conseguem incorporá-la a seu trabalho de modo produtivo e contextualizado? Além disso, o professor exerce papel relevante no sentido de mediar a relação aluno com a mídia utilizada em sala de aula? Esses questionamentos nos levaram a investigar a utilização do programa Mundo da Leitura na TV<sup>3</sup> em sala de aula.

No estudo realizado, analisamos a recepção de alunos de série inicial do ensino fundamental em relação à utilização do programa Mundo da Leitura como aliado no processo educativo de incentivo à leitura e na construção do aprendizado. Verificamos também os elementos de mediação ativados pela professora durante a utilização do programa Mundo da Leitura como recurso pedagógico.

Diante dessa proposta de aproximação entre comunicação e educação investigamos questões em torno da leitura e das características da linguagem audiovisual, buscando suporte teórico nos Estudos Culturais e Estudos de Recepção.

---

<sup>3</sup> No ar pela UPF TV, canal 15 da NET, desde julho de 2003, o programa televisivo Mundo da Leitura<sup>3</sup> vem conquistando um espaço importante na mídia eletrônica. Desde outubro de 2005, é veiculado semanalmente em rede nacional na programação do Canal Futura, emissora com proposta educativa. Ele é produzido na Universidade de Passo Fundo, como um dos desdobramentos das Jornadas Literárias. (CRLM, 2008).



## **1 Leituras significativas – texto impresso/texto imagético**

A leitura é fundamental, pois afeta diretamente a vida de todos que estão inseridos numa sociedade letrada, gráfica e icônica. Atualmente, as informações chegam de várias fontes e formas e em função dessa realidade torna-se fundamental a capacidade cognitiva de ler o mundo atual, seja em função das imagens que cercam nossas vidas ou das mensagens no código escrito que a todo instante surgem frente aos nossos olhos e numa velocidade cada vez mais perturbadora. O leitor de hoje precisa ser um leitor plural, capaz de fazer leituras em diferentes linguagens. Diante disso, destacamos que para o sujeito ser participativo na sociedade a leitura é aspecto relevante, além de constituir-se num importante instrumento para a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos nas mais diversas áreas do saber. Quem lê se desenvolve cognitivamente, afetivamente, pessoal e socialmente e amplia o seu mundo, abrindo-se ao intercâmbio e às iniciativas sociais e intelectuais.

Segundo Dias e Silva (2002), a leitura é um processo que tem início nos primeiros anos de vida e é exatamente nos primeiros anos escolares que se desenvolve o gosto pela leitura. Em função disso, pesquisas apontam métodos que podem ser empregados para o ensino da leitura. No entanto, como destaca Smith (1999), não existem fórmulas únicas e eficientes para a aprendizagem da leitura. Saber ler é entender a mensagem escrita e saber reagir às coisas. Glovacki (2007) reforça que quando o aluno desperta para a leitura ela se torna uma atividade prazerosa e emancipatória, no sentido de propor novos horizontes ao leitor, repercutindo diretamente na sua percepção de mundo, possibilitando a liberdade de pensamentos que se manifestarão com a mudança do comportamento social dos indivíduos. Compreendemos que a leitura é um processo que precisa ser desenvolvido, estimulado, compreendido e fundamentalmente que precisa ser motivador, e o professor é peça fundamental nesse sentido de contribuir para que a criança descubra que, com a leitura, sentidos são construídos, o que contribui para que ela perceba a escrita como uma prática significativa. Smith (1999) ressalta os novos tipos de leitura como o hipertexto, formato que permite ao leitor construir o próprio caminho de sua leitura, de acordo com os interesses que vão surgindo a partir dos textos que vão sendo apresentados. Isso significa que cada leitor fará caminhos diferentes de leitura: “Não há um ‘caminho certo’ de leitura para esse material; nunca duas pessoas o lerão da mesma maneira” (SMITH, 1999, p. 155). Outra possibilidade para a leitura ocorre diante da tela da TV, com a linguagem audiovisual, caracterizada por um



conjunto de elementos que estimulam a percepção sensorial. Esse estímulo ocorre em função da combinação de três códigos: o icônico, o lingüístico e o sonoro. No código icônico, o espectador encontra o significado através da percepção visual, sendo que as imagens podem ou não fazer parte de seu referencial de conhecimento. Caso façam, a compreensão é imediata; caso contrário, a forma passa despercebida ou o conhecimento ocorre a partir da intuição em função das informações já existentes em torno do assunto e, dessa forma, a informação é acrescentada ao seu repertório. O código lingüístico é empregado a partir de expressões técnicas ou de palavras que correspondem às imagens do código icônico. Em função da facilidade de compreensão de uma imagem, esta se sobrepõe aos outros códigos da linguagem audiovisual, pois pode ser facilmente reconhecida universalmente. Quanto ao código sonoro está relacionado aos sons, músicas e efeitos sonoros empregados na produção (REZENDE, 2000).

A mídia audiovisual, por ser extremamente sensorial, já que estimula as emoções, apresenta-se com forte potencial para contribuir no aprendizado. Essa forma de representar o mundo - onde se fala mais que se escreve, se vê mais que se lê e se sente antes de compreender - é a educação em estéreo<sup>4</sup> e que segundo Ferrés (1996) transformaria a

“[...] escola não em um centro de ensino, mas de aprendizagem. Um centro preocupado não pela simples transmissão de conhecimentos, mas pelo enriquecimento em experiências de todo o tipo: conhecimentos, sensações, emoções, atitudes, instituições” (FERRÉS, 1996, p.18)

Uma nova cultura para a aprendizagem se torna necessária, pois o mundo está muito diferente de séculos ou até de algumas décadas atrás. Pozo (2002) destaca que nessa nova cultura da aprendizagem as demandas são outras e exigem novas práticas, novos conhecimentos, constantemente.

É diante desse contexto que entendemos a importância do trabalho educativo com as mídias. Trazemos a discussão de pesquisadores que atuam na mídia-educação com a proposta de que seja trabalhada a educação “*para/sobre* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva” (RIVOTELLA, 2002 apud FANTIN, 2007, p.3, **grifo do autor**). A

---

<sup>4</sup> Conforme Babin e Kouloumdjian (1989), as mensagens transmitidas pela linguagem audiovisual possibilitam um aprendizado em “estéreo” porque propõem a partir dessa linguagem a comunicação de algo pela emoção.



perspectiva de trabalho de mídia-educação contribui para a formação de um sujeito/telespectador capaz de fazer leituras críticas dos textos produzidos e apresentados pelas mídias. Essa possibilidade de leitura da mídia, segundo Fantin (2007), permitirá ao sujeito uma educação cidadã. Com esse desafio, destacamos a necessidade de desenvolver novos processos e estratégias de aprendizagem, já que o sujeito não foi preparado pela escola para processar toda a informação que chega até ele através das tecnologias da informação e comunicação. O sujeito não foi educado para viver no mundo tecnológico e imagético de hoje. Pozo (2002) destaca que é necessário saber direcionar, ter conhecimentos para relacionar e dar significado às informações que chegam fragmentadas. Segundo Guimarães (2001), a TV impõe mudanças metodológicas entre os educadores: “É necessário aproximar as duas instituições de veiculação da cultura TV – lazer, informação; escola – saber, conhecimento. Ambas divulgam valores, conceitos, atitudes” (p. 25).

Greenfield (1988) está entre os autores que estudaram os Meios de Comunicação de Massa como instrumentos para a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Em seus estudos, revela que para a televisão ser um recurso para a aprendizagem é fundamental apresentar programas que exijam a participação ativa do telespectador, aspecto básico, inclusive em todos os processos de aprendizagem. A autora revela também que os “efeitos dos programas de TV sobre a aquisição de conhecimentos são mais intensos se um adulto interagir com a criança enquanto ela estiver assistindo à televisão” (GREENFIELD, 1988, p. 63). A linguagem audiovisual no contexto escolar é sensibilizadora, no sentido de propor a ação de vários sentidos do espectador: a audição, a visão e a percepção sensorial, contribuindo para o aprendizado.

## **2 As perspectivas teóricas para aproximar comunicação e educação**

A pesquisa que apresentamos, busca aproximar dois campos do saber: a comunicação e a educação. Para sustentar o estudo, nos balizamos na perspectiva dos Estudos Culturais e nos Estudos de Recepção, tendo em vista que, o desenvolvimento dessas abordagens se complementam diante dos nossos objetivos de pesquisa, de verificar a recepção de estudantes quanto ao uso da linguagem audiovisual pelo professor em sala de aula.



## 2.1 Os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais buscam diversos campos para produzir conhecimento, constituindo-se em uma perspectiva sem fronteiras pré-definidas. Buscamos nessa abordagem estabelecer nosso referencial teórico para fundamentar a pesquisa.

Os Estudos Culturais (EC) surgiram na Inglaterra, oficialmente em 1964 com a criação do *Center for Contemporary Cultural Studies* – CCCS. No entanto, bem antes da fundação do centro, ainda na década de 1950, foram produzidos os textos que balizaram o surgimento do movimento britânico, atualmente já difundido pelo mundo. Richard Hoggart escreveu “The uses of literacy” (1957), Raymond Williams, “Culture and Society” (1958), e E.P.Thompson publicou “The making of the english working-class” (1963), conforme situa Escosteguy (1999). As obras que inauguram os EC foram escritas por estudantes de origem popular que, na época, agitaram a sociedade por debaterem a constituição de dois modos diferentes nas questões relativas à cultura (COSTA, 2000). Escosteguy (2003) também indica que foi uma mudança no entendimento de cultura, trazida por Williams, que tornou possível a emergência dos EC. A proposta do campo de estudos apresenta uma rejeição quanto à noção singular e dominante de cultura e propõe uma cultura produzida pelo povo e não apenas pelas elites. Esse deslocamento na concepção de cultura possibilitou a articulação do movimento dos EC que foi ganhando o mundo e ampliando as perspectivas. A admissão que os estudos da cultura configuraram um movimento das margens contra o centro é apontada, segundo Costa (2003) como a realização mais importante dos EC britânicos.

A partir do contexto cultural criado com a participação dos MCM, os autores se referem a uma desconsideração por parte de todo o sistema educacional sobre a perspectiva de aprendizado no mundo midiático. Segundo eles, os educadores deveriam avaliar o que está acontecendo em sala de aula, em função das relações estabelecidas no cotidiano dos alunos devido à cultura das mídias. Orozco (2002) destaca a importância e a necessidade de uma sensibilização dos educadores, gestores para empregar os meios de comunicação no processo para a aprendizagem. O autor diz que “falta uma estratégia para o uso educativo de novos meios e tecnologias” (p. 66) e aponta esse fator como relevante para explicar o insucesso da prática. Segundo o autor, de nada adianta a presença das tecnologias e recursos diferenciados para serem usados no processo educativo se não houver uma proposta metodológica para o aproveitamento desses recursos e a capacitação específica. OS EC estão comprometidos com o estudo



da produção, da recepção e do uso situado de variados textos e da forma como eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade: “Os textos não estão presos à imprensa ou a tecnologia do livro, mas a todas as formas auditivas, visuais e eletronicamente mediadas de conhecimento que têm provocado uma mudança radical na construção do conhecimento e nas formas pelas qual o conhecimento é produzido, recebido e consumido” (GIROUX, 1995, p. 98). Segundo o autor os EC assumem o papel de diversificar, ampliar, permitir novas possibilidades no processo de aprendizagem.

## **2.2 Os Estudos de Recepção**

A inserção dos MCM na sociedade implicou novas possibilidades de representações de mundo, novas possibilidades de produzir sentido a partir da leitura que se faz do que é produzido nesses meios e levado ao receptor. No entanto, é importante diante da presença da mídia audiovisual no processo educativo, estimular e estar atento às mediações, já que estas se apresentam como fundamentais para que sejam construídas relações significativas durante a aprendizagem.

Apesar do entendimento comum de que os MCM são instrumentos de manipulação e controle das classes, os EC tratam o consumo da Comunicação de Massa como novo lugar de negociação de práticas comunicativas. E é diante dessa perspectiva, de um espaço onde se torna possível negociar, construir sentido face à cultura produzida e consumida que, principalmente a partir da década de 1980, Jesus Martín – Barbero (1997) esboçou uma visão contextualista quanto à presença da mídia. Barbero observou as possibilidades do sujeito ressignificar as mensagens midiáticas, tornando-se um receptor ativo, produtor de cultura, reagindo aos conteúdos apresentados pelo meio e dando continuidade a sua produção/ação em função dos sentidos a partir das próprias vivências onde as mediações vão ser significativas para produção e significação da cultura (ESCOSTEGUY; JACKS, 2005).

A partir dos pressupostos apresentados por Martín-Barbero (1997), Orozco (1996) os complementa com a proposta de que as audiências são sujeitos que agem de acordo com o condicionamento individual e coletivo e estão em constante transformação a partir dos processos variados, aos quais essa audiência está exposta no dia-a-dia. Nesse sentido, compreendemos também que a recepção deve ser estudada na perspectiva das mediações estabelecidas, por elas implicarem na produção e reprodução





de significados e por concebermos que, no trabalho em questão, a utilização do programa Mundo da Leitura pode ser entendido como um processo para a comunicação empregado numa prática social no contexto da escola.

No início, Martín-Barbero compreendia as mediações como uma estrutura inserida nas práticas sociais dos sujeitos, portanto, relacionada à sua identidade e cultura. A evolução do entendimento das mediações é apresentada pelo próprio autor como “práticas comunicativas específicas do auditório como um processo estruturante envolvendo três dimensões: socialidade, ritualidade e tecnicidade” (apud GOMES; COGO, 1998, p. 28).

Trazendo esse conceito para o âmbito televisivo, Orozco (1996) propõe que se entenda o lugar das mediações como processos estruturantes a partir de ações concretas e de intervenções no processo de recepção televisiva. Foi com base nessa concepção que desenvolveu uma proposta de tipologia em que foram elaboradas diferentes categorias de mediações, surgindo dessa forma o modelo das multimediasções, que será desenvolvido adiante.

A partir dessa percepção, buscamos compreender os processos que se estabelecem na prática em sala de aula, quanto ao uso do programa Mundo da Leitura, considerando que todo o processo de recepção é mediado por diversos elementos, e que, a partir dessas mediações os significados vão se estabelecendo e dando espaço para novos saberes e novas práticas culturais também.

### **3 O uso do Mundo da Leitura em sala de aula e seus resultados**

O campo para o desenvolvimento da pesquisa foi o terceiro ano fundamental de uma escola municipal de Passo Fundo, onde foram realizadas observações do uso do programa em sala de aula, entrevista em profundidade com a professora e questionário com os estudantes. Da turma de dezenove alunos que responderam ao questionário, dez afirmaram que preferem ver o programa em casa em função principalmente do conforto. Pelas manifestações das crianças observamos que o programa quando assistido em casa tem mais força enquanto um programa para o entretenimento. Quando assistido na escola, analisamos uma outra visão do mesmo. No contexto da sala de aula, o entendimento unânime da turma é de que se trata de um programa de TV que educa, ensina, que as ajuda a aprender, e essa percepção de aprendizado é nítida quando o uso do programa objetiva em algo concreto.





Essa concepção nos remete ao que destaca Magalhães (2007) ao compreender que “a inter-relação com um programa educativo desperta os sentidos e, com eles, a curiosidade inconsciente de ampliar a instrumentação sensorial.” (MAGALHÃES, 2007, p. 50). O que autor quer dizer, no nosso entendimento, é que quando a criança, o aluno, vê na TV um conteúdo ou proposta de atividade de forma lúdica, prazerosa, algo que até então era visto como uma obrigação pode ter um novo lugar na vida dele, outro significado. Nas falas da professora, percebemos esse entendimento orientando a sua prática.

Comprendemos que a forma como as propostas de leitura são apresentadas no programa é estimulante; no entanto, percebemos como determinante os elementos mediadores que vão contribuir para aguçar a curiosidade em torno de determinado tema ou livro apresentado. De acordo com as respostas obtidas no questionário, observamos que os estudantes gostam de realizar algo a partir do que foi apresentado no programa, promovendo uma aula diferente, fora da rotina e conquistando o interesse do aluno, questão fundamental para manter o aluno na escola (MORAN, 2007).

O uso pedagógico do programa Mundo da Leitura permite novas possibilidades ao estudante/espectador. Os caminhos trilhados, com a orientação da professora, despertam a possibilidade e o desejo de ação a partir do que é apresentado na TV. As atividades propostas pelo programa, estimuladas pela professora e feitas com disposição pela turma geram uma satisfação entre os alunos. A proposta de utilizar o Mundo da Leitura para estudar os contos de fadas, trazendo para sala de aula a história de Harry Potter despertou o interesse da turma e uma série de atividades foram realizadas a partir disso. Entre elas produção textual, por meio da qual os alunos foram estimulados a escrever sobre questões abordadas no filme, como a relação entre o bem e o mal. Surgiram também propostas de temas para oralidade, questões para interpretação. Diante dessa situação, percebemos a questão do estímulo à imaginação proposta pela professora com questões como “O que eu faria se fosse bruxo ou como seria a minha escola”. Nesse sentido, trazemos o que destaca Girardello (2001) sobre a importância do contexto da recepção para que a imaginação da criança possa ser estimulada a partir do texto televisivo. A forma como se propõe o trabalho pode ser definitiva ou para que o aluno sintam-se estimulado a imaginar, mantendo um processo de refletir e produzir significados a partir do que viu e ouviu, ou para que esse momento passe de modo insignificante.



Com o entendimento das mediações como estruturas relacionadas às práticas sociais onde o sujeito está inserido, deu-se um importante passo rumo ao novo olhar que estudiosos passaram a ter sobre o processo de recepção e o receptor. Esse novo entendimento, apresentado por Martin-Barbero, principalmente a partir da década de 1980, deslocando a atenção dos meios às mediações, contribuiu para que Orozco (1996) propusesse um modelo de análise em torno da recepção televisiva percebendo as diversas fontes de mediações no contexto da recepção. O conceito das multimedias e as quatro<sup>5</sup> categorias sugeridas por Orozco (1996) foram tomadas para análise em nossa pesquisa.

Diante dos pressupostos teóricos, verificamos que a mediação individual ocupa um importante lugar no processo de recepção do programa e após também. Escosteguy e Jacks (2005) destacam a mediação individual como o conjunto de fatores que vão influenciar na percepção e no processamento das informações que estão relacionadas ao conhecimento. É diante do conhecimento já existente do aluno que os conteúdos apresentados a partir do programa passarão a produzir novos significados no receptor. O fato do processo de recepção ser contínuo, permite que consideremos que o estudante permanece em constante construção para a apropriação de novos saberes e os interesses de cada um diante do que é mostrado também é valorizado ou deixado de lado. Com base nas respostas dos estudantes no questionário, consideramos que o uso do programa Mundo da Leitura em sala de aula possa estar contribuindo para o incentivo da leitura, mesmo que discretamente. Consideramos essa questão em função de que dos dezenove entrevistados, treze lêem diariamente algum trecho de livro, seis afirmaram não ler diariamente e dois responderam que mudaram o hábito de leitura, passando a ler diariamente.

Diante das questões apresentadas para os estudantes, como as preferências do local para assistir ao programa Mundo da Leitura, se era na escola ou em casa, percebemos que cada sujeito, apresentando sua preferência, recebe o programa de formas diferentes.

Percebemos que na escola se estabelece a mediação institucional pela presença da professora na sala de aula apresentando as regras no momento da recepção do programa, como a necessidade de ficar atento e a própria legitimação do Mundo da Leitura enquanto um programa de TV que educa, ensina, como é revelado nas respostas

---

<sup>5</sup> As categorias analisadas na pesquisa foram : a individual, a situacional, a institucional e a tecnológica.



dos alunos. Além disso, a professora atua sugerindo os aspectos que vão permitir as negociações estabelecidas também no contexto da mediação situacional e individual. Nessas categorias, o sujeito estará relacionando as informações obtidas, para que novos sentidos sejam produzidos.

O contexto da recepção de programas no âmbito da sala de aula permite dar destaque ao que Ferrés compreende sobre a atitude do sujeito diante da tela, ao se referir que “os efeitos benéficos ou nocivos gerados por um meio depende não do meio em si, mas do contexto de recepção da mensagem”. (FERRÉS, 1996, p.101)

Com o programa audiovisual em sala de aula, a mediação institucional está presente também diante dos trabalhos propostos pela professora. Nesse momento, o aluno pode perceber também que a exibição do programa em sala de aula teve um propósito, apresentado pela professora, e exige uma reflexão diante dos trabalhos em grupo ou individuais propostos por ela. Por meio desse trabalho, entendemos que o aluno estará intercambiando com os colegas no processo de produzir os significados. Nesse contexto também percebemos, a mediação situacional, em função da interação dos sujeitos com a mensagem de forma coletiva. No momento da recepção do programa coletivamente, a interação com a mensagem pode obter novos significados a partir do momento que um aluno comenta determinado assunto, promovendo assim direções de pensamento que poderiam não ter sido feitos pelos demais colegas, caso a recepção ocorresse individualmente. Situação que se repete no momento da atividade em grupo também, quando as opiniões e entendimentos são expressos verbalmente entre os colegas. Nesse contexto é importante ressaltar o entendimento da professora quanto aos trabalhos em grupo, promovendo a interação entre os colegas diante de uma proposta de cooperação. A pesquisa revela que a professora que utiliza o programa Mundo da Leitura reconhece a força da linguagem audiovisual em função do impacto, de ser diferente do que o aluno está acostumado e, portanto, de chamar a sua atenção. No entanto, ela não detém muitos conhecimentos sobre essa linguagem utilizada, mas deseja conhecer seus elementos. Nesse sentido, a professora revela a necessidade de apoio para o desenvolvimento de um trabalho que demanda conhecimentos produzidos em outros campos profissionais.

Reiteramos a força da linguagem audiovisual no estímulo aos sentidos (GREENFIELD, 1988; FERRÉS, 1996, ZATITI, 2005; MAGALHÃES, 2007) e que o aprendizado a partir do audiovisual ocorre diante de ações perceptivas que exigem a imaginação e dão espaço à afetividade. Diante dessa questão, relacionamos, também, na



mediação situacional, unindo-se à individual, o entendimento da professora no que se refere ao interesse dos alunos pelo programa. Para ela, a diversidade das coisas apresentadas é o que mais chama atenção. Não existe monotonia, pois são vários quadros, envolvendo vários personagens, inclusive estudantes, como eles, que também participam de gravações do programa.

Entendemos que o estímulo para reflexões diante do que é mostrado a partir do audiovisual é fundamental para que o receptor, neste caso o aluno, possa permanecer na recepção ativa, construindo e reconstruindo significados.

### Considerações Finais

Tradicionalmente, a escola é uma instituição que segue os cânones de um sistema educacional reproduzido por anos, sem considerar, no entanto, a cultura vivida pelo educando neste século XXI. A sociedade contemporânea apresenta especificidades que exigem uma nova forma de ver, trabalhar as informações que chegam de diferentes formas até o sujeito e contribuir para que elas possam ser reelaboradas para a construção do conhecimento.

As concepções e práticas tradicionais de ensino, trazidas pelos jesuítas à escola, ainda atuam em todos os seus níveis. Dentre elas, segundo Pimenta e Anastasiou (2002), mantém-se a idéia de que o professor competente é aquele sujeito que expõe o conteúdo e mantém a atenção do aluno, sem considerar os diversos elementos presentes no espaço e no processo de ensino.

A aproximação da escola e os meios de comunicação, especialmente a televisão, e, conseqüentemente, o vídeo, em função da linguagem audiovisual que toca o sujeito de forma integrada, estimulando os sentidos, especialmente a emoção, constitui-se em uma prática motivadora, possibilitando práticas diferenciadas e atrativas em sala de aula. Práticas que despertam o interesse do aluno em buscar as informações necessárias para o conhecimento, mas que, no entanto, exigem a dedicação do professor para o conhecimento da linguagem que será levada para a sala de aula.

O balizamento teórico a partir do EC nos levou ao estudo de recepção a partir da proposta de Orozco (1996) das multimedicações, em função do nosso objetivo de verificar a prática de uso do programa Mundo da Leitura em sala de aula bem como as mediações ativadas nesse processo. Compreendendo que o sujeito é um receptor ativo, este está em constante processo de ressignificar o que é visto a partir da linguagem



audiovisual e as multimeiações que ocorrem no processo de recepção, especialmente quando o mesmo se dá coletivamente, representa novas possibilidades de ver e de interagir com o que é mostrado na tela da TV. Destacamos, nesse sentido, o trabalho do professor que conhece o potencial da linguagem audiovisual para o processo educativo e de como é possível trabalhar a partir de, e com essa proposta. Um trabalho que pode ser ainda mais profícuo se planejado e desenvolvido coletivamente na escola. Percebemos que o material produzido para ser veiculado em uma emissora de TV, mas que também, diante da perspectiva de levar outras linguagens para a escola e, portanto, também é apresentado em sala de aula, passa a ter um lugar diferenciado na vida dos alunos porque é visto como educativo. Esse novo lugar torna-se relevante pela possibilidade verificada de contribuir para uma maneira diferenciada de trabalhar conteúdos de forma a torná-los mais interessantes e de fácil compreensão e repercussão no processo de aprendizagem.

Precisamos levar ao aluno possibilidades que lhe permitam ler o mundo, refletir as mensagens apresentadas nas mais diferentes linguagens de forma que ele seja capaz de obter sua própria compreensão. Neste século, o acesso às informações ocorre em diferentes meios, não mais, fundamentalmente através do livro, e, portanto, se faz necessário levar para dentro da escola os meios que estão também informando e contribuindo para o conhecimento dos sujeitos. No entanto, ressaltamos que o aproveitamento dos conteúdos apresentados na mídia eletrônica, passa a ser muito mais significativo com vistas ao aprendizado efetivo quando há um trabalho de mediação que possa tornar esses conteúdos aproveitáveis, no sentido de estimular reflexões a partir do que é mostrado. Nesse sentido, destacamos o papel do professor e a importância dele conhecer as possibilidades de uso de outras linguagens em sala de aula. Para isso, torna-se relevante a formação, seja ela ainda na academia ou em processos de formação continuada. Destacamos também a importância de desenvolver trabalhos com a utilização da linguagem audiovisual de forma integrada na escola, onde possa existir um trabalho desenvolvido numa mesma direção, utilizando recursos diferenciados. A importância da mediação situacional no contexto da sala de aula, também deve ser destacada por provocar a interação com os colegas a partir do conteúdo que pode ser desenvolvido com a complementação da linguagem audiovisual, ou a partir dela.

Nos parece evidente a necessidade de trabalhar a educação para os meios, para que os alunos possam ser sujeitos ativos no processo de recepção, não apenas do programa em questão, mas diante das mensagens audiovisuais fortemente presentes na



sociedade. Com base na forte presença dos meios imagéticos no cotidiano do cidadão, consideramos a utilização do programa Mundo da Leitura, uma proposta para a aprendizagem e incentivo à leitura em torno de uma prática cultural. Prática essa que, a partir das mediações estabelecidas, pode representar aulas mais atrativas de forma que seja possível obter a atenção, o interesse do aluno em torno do tema tratado, contribuindo para um aprendizado efetivamente significativo.

#### Referências

- BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. Os novos modos de compreender: *a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- BARBERO, Jesús Martin. Dos meios às mediações: *comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, mai./jun./jul./ago. 2003.
- CRLM - CENTRO DE REFERÊNCIA DE LITERATURA E MULTIMEIOS. O labiríntico Mundo da Leitura. Passo Fundo: UPF Editora, 2008.
- DIAS, Ana Maria Iório; SILVA, Patrícia Targino da. Leitura e (in) formação docente nas séries iniciais do ensino fundamental: do prazer de ler à necessidade de uma política de leitura. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 24. v 1, n. 43, 2002.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (org) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FANTIN, Monica . Alfabetização midiática na escola. In: VII SEMINÁRIO “MÍDIA, EDUCAÇÃO E LEITURA” do 16º COLE. Campinas, 2007. Disponível em: < [www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss15\\_06.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/sm05ss15_06.pdf) > Acesso em: 05/12/2008.
- FERRÉS, Joan . *Vídeo e educação*. Tradução Juan Acuña Lorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996(b).



- GIRARDELLO, Gilka. A televisão e a imaginação infantil: referências para o debate. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: < <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/4881>> . Acesso em: 27/05/2008
- GIROUX, Henry, A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- GLOWACKI, Rosemari. Estética da recepção: a singularidade do leitor e seu papel de co-produtor do texto. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia (org). Teorias e práticas de letramento. Brasília: INEP, 2007.
- GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. O adolescente e a televisão. Porto Alegre: IEL:Ed. Unisinos, 1998.
- GREENFIELD, Patrícia Marks. O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica: os efeitos da TV, computadores e videogames. São Paulo: Summus, 1988.
- GUIMARÃES, Iara Vieira. Escola e televisão: para além dos antagonismos. Revista Comunicação e Educação, Ano VII mai./ago. 2001.
- MAGALHÃES, Cláudio Márcio. Os programas infantis da TV: *Teoria e prática para entender a televisão feita para as crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MORAN, José Manuel . A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- OROZCO, Guillermo. Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: *tríade do século XXI*. Comunicação & Educação, v. VIII, p 57-70, jan./abr. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Televisión y Audiências: un enfoque cualitativo*. Madrid: Ediciones de La Torre e Universidad Iberoamericana, 1996.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. Docência no ensino superior. vol. I, São Paulo: Cortez, 2002.
- POZZO, Juan Ignácio. Aprendizizes e mestres: *a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- REZENDE, Guilherme Jorge. Telejornalismo no Brasil: *um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- SMITH, Frank. Leitura significativa. Porto Alegre: Artmed, 1999.